



AS INFÂNCIAS DAS CRIANÇAS SEM TERRINHAS NAS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA

Matteus Vinicius Gomes Luz¹

Resumo: O presente artigo tem como objetivo apresentar as pesquisas em educação que abordam as crianças sem terrinhas. A pesquisa possui natureza qualitativa e está amparada pelo procedimento metodológico de revisão de literatura em estado de conhecimento. Assim para encontrar os dados escolhemos a plataforma da biblioteca digital de teses e dissertações/BDTD e definimos as palavras de buscas: Crianças do campo – MST – Infâncias negras – Assentamento – Educação do Campo e Educação popular – Sem terrinhas e Crianças assentadas, partir dessa escolha foram encontrados 12 trabalhos, sendo 09 dissertações e 03 teses. As crianças sem terrinha estão em movimento seja nos assentamentos ou nas Universidades. Assim, fazendo alguns apontamentos sobre as categorias que são referenciadas pelas crianças nas produções, podemos afirmar que a escola, as brincadeiras e as cirandas contribuem para o pertencimento das infâncias sem terrinhas. A partir dos achados afirmamos que o MST é um movimento de luta e resistência que acredita nas potências das crianças, ao realizar esse estudo podemos constatar que as infâncias sem terrinhas se fazem presentes nas pesquisas em educação, sendo possível perceber o pertencimento e aproximação à temática pelos pesquisadores, como também a diversidade de temas envolvendo as crianças sem terrinhas.

Palavras-chave: Crianças; Infâncias; sem terrinha; MST.

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O presente estudo é resultante da disciplina Pesquisa em Educação do Programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC, da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, tendo como eixo de discussão as infâncias das crianças sem terrinha nas produções acadêmica brasileiras em Educação para a realização do estado do conhecimento. Nesse sentido, objetivamos apresentar as pesquisas em educação que abordam as crianças sem terrinhas. No âmbito da pesquisa discutimos sobre as infâncias presentes no movimento sem-terra, assim podendo perceber como as crianças estão inseridas na luta por terra ou além na busca por uma educação que compreenda a diferença de ser uma criança pertencente ao movimento.

METODOLOGIA

Realizamos um levantamento de dissertações e teses, buscando fazer um estado do conhecimento “tentando responder que aspectos dimensões vêm sendo destacados e privilegiados em diferentes épocas e lugares, de que formas e em que condições têm sido produzidas certas dissertações de mestrado, teses de doutorado” [...] (FERREIRA, 2002, p. 257).

¹ Mestrando, Programa de Pós-graduação em Educação. E-mail: matteusluz@gmail.com



Optamos em pesquisar trabalhos da área da educação na Biblioteca Digital de Teses e Dissertações – BDTD, que focaram suas pesquisas nas crianças e suas narrativas, assim a pesquisa foi iniciada com alguns descritores pré-definidos: Crianças do campo – MST – Infâncias negras – Assentamento – Educação do Campo e Educação popular. Porém o cruzamento desses descritores não apresentou trabalhos sobre a temática, realizei uma nova pesquisa com os seguintes termos Crianças Negras – Assentamento – Educação do campo/ resultado uma pesquisa, em uma nova busca trocando crianças negras por crianças do campo surge mais uma pesquisa. A partir dessas duas pesquisas surge a possibilidades de novos descritores Sem-terrinhas e crianças assentadas e a possibilidade de mudança nesse momento da pesquisa em somente buscar dados referentes às crianças/infâncias sem terrinha na área da Educação e com foco principal em pesquisas com as crianças. Assim utilizando os descritores: Sem-terrinha - Assentamento – Educação do campo, possibilitou o encontro de 5 pesquisas, realizei uma nova busca com os termos: Infâncias – Sem-terrinha – MST, apareceram 09 resultados sendo que 04 já estavam no achado anterior. Em uma nova busca com as palavras: Crianças assentadas – Assentamento – Educação do Campo, aparecem 05 pesquisas, porém 4 estão foram por causa do recorte, em outro cruzamento entre Infâncias – Crianças Assentadas – MST, apareceram 12 pesquisas, porém com alguns trabalhos já selecionado e com recorte ficaram 2 pesquisas.

Assim, foram achados 13 pesquisas, sendo 10 dissertações e 3 teses, porém a pesquisa de Méliga (2014) Educação infantil do campo : a educação das crianças pequenas nas proposições do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) quando analisada não apresentava as crianças como apontamento de discussão e sim o processo documental da Educação Infantil, por isso apresentamos para o estudo 12 trabalhos, sendo 09 dissertações e 03 teses.]

OS ACHADOS DA PESQUISA: AS INFÂNCIAS SEM TERRINHAS EM TELA

Neste tópico apresentamos os achados do estudo buscando referenciar as infâncias encontradas nas produções, apontando os objetivos, metodologia e considerações finais. Para isso, construímos uma tabela em que organizamos esses achados por meio dos descritores utilizados, sistematizando de maneira geral cada pesquisa. Podemos perceber inicialmente que a categoria crianças sem terrinha se faz presente na maioria das produções.

Biblioteca Brasileira Digital de tese e dissertações – BDTD

Descritores: Sem-terrinha - Assentamento – Educação do campo

**ANAIS DO II SEMINÁRIO DE EDUCAÇÃO, DIVERSIDADE E DIREITOS HUMANOS
VOLUME 2, 2023, CEEINTER. ISSN: 2965-5102**



			5 pesquisas
Ano	Título	Autor/Autora	Categoria
2009	Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terra no MST	Rossetto, Edna Rodrigues Araújo	Dissertação
2001	A trajetória da educação infantil no MST: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar	Bihain, Neiva Marisa	Dissertação
2016	A organização do trabalho pedagógico nas Cirandas Infantis do MST: lutar e brincar faz parte da escola de vida dos Sem Terra	Rossetto, Edna Rodrigues Araújo	Tese
2001	As experiências educativas das crianças no acampamento Índio Galdino do MST	Alves, Suzy de Castro	Dissertação
2016	Educação, trabalho e infância: contradições, limites e possibilidades no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra	Ramos, Márcia Mara	Dissertação
Descritores: Infâncias – Sem-terrinhas - MST			5 pesquisas
Ano	Título	Autor/Autora	Categoria
2015	Os sem terra no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)	Da Mata, Liene Keite de Lira	Dissertação
2014	Educação infantil do campo: a educação das crianças pequenas nas proposições do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)	Méliga, Laura Luvison	Dissertação
2010	A infância pelo olhar das crianças do MST: ser criança, culturas infantis e educação	Moraes, Elisangela Marques	Dissertação
2013	A formação da criança e a ciranda infantil do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra)	Luedke, Ana Marieli dos Santos	Dissertação
2015	Educação infantil popular: possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST	Freitas, Fábio Accardo de	Dissertação
Descritores: Crianças assentadas - Assentamento – Educação do campo			1 pesquisa
Ano	Título	Autor/Autora	Categoria
2018	Experiências escolares vividas no campo e por crianças do campo	Nascimento, Gilcilene Lélia Souza do	Tese
Descritores: Infâncias – Crianças assentada - MST			2 Pesquisas
Ano	Título	Autor/Autora	Categoria



2009	Entre campo e cidade: infâncias e leituras entrecruzadas: um estudo no Assentamento Palmares II, Estado do Para	Felipe, Eliana da Silva	Tese
2004	Os filhos da luta pela terra: as crianças do MST - significados atribuídos pelas crianças moradoras de um acampamento rural ao fato de pertencerem a um movimento social	Luciana Oliveira Correia	Dissertação

A pesquisa de Alves (2001) sob o título as experiências educativas das crianças no acampamento Índio Galdino do MST , apresenta as infâncias vivenciadas pelas crianças na participação da luta por garantia da terra, objetivando de forma geral “compreender como as crianças constroem-se como sujeitos nesse espaço, verificando como ocorre a sua participação nas atividades do acampamento e identificando suas ações, brincadeiras e relações construídas”(p.16).

A pesquisadora expõe os caminhos que levam para a realização da pesquisa em um acampamento que luta por a garantia da terra, sendo assim os procedimentos metodológicos é de uma pesquisa qualitativa, com análise de fontes de documentais e bibliográficas produzidos pelo MST e uma observação do cotidiano utilizando o diário de campo e “entrevistas semiestruturadas e semi-diretivas realizadas coletivamente com 23 crianças cujo a idade varia entre 05 a 16 anos, com a coordenação do acampamento e as famílias acampadas”(ALVES, 2001, p.18). A partir da sua metodologia a autora relata a aproximação direta das crianças com a pesquisa, oportunizando novos elementos já nos primeiros encontros vivenciados.

Nos desenhos, as crianças representam o espaço vivido, a disposição do barraco, o confronto com a polícia e a guarita. Um dado relevante foi que, todas as crianças em todos os desenhos, colocaram a bandeira do Movimento, evidenciando a importância de destacar este símbolo do MST, que é referência nas suas vidas (Alves, 2001, p.21)

O pertencimento ao movimento se fazer presente na infância, sendo uma formas de construção coletiva da luta, é por esse motivo que as crianças sem terrinhas, “compartilham muitas experiências, ao viverem com intensidade o tempo e o espaço do acampamento que acompanha o seu desenvolvimento e formação, humanizando-as e sensibilizando-as para a organização coletiva” (ALVES, 2001, p. 127). No entanto, são infâncias que se atravessam por diversas situações e Alves (2001) na sua pesquisa pontua de forma categórica essas situações específicas em que as crianças sem terrinhas são submetidas a fazer parte do movimento.

A infância no acampamento ocorre de forma conflituosa, devido ao tempo destinado para as responsabilidades domésticas, o cuidado com irmãos menores quando os pais saem para trabalhar, a caminhada para chegarem e retornarem da escola. Não sobra



tempo para brincar. A escola, além de distante, não considera a história de vida e de luta dos sem-terra; um preconceito disfarçado ronda as crianças acampadas e conflito, quando aparece, não é considerado, a escola o ignora. (ALVES, 2001, p.127)

A referida pesquisa nos provoca a refletir sobre o ser presente nas instituições de ensino e suas vivências que são carregadas até esse espaço, como também a representação de uma infância enraizada ao movimento de luta, garantia e direito a terra, assim dialogando com o processo de crescimento e pertencimento desses sujeitos com seus pares e diferentes.

O estudo a trajetória da educação infantil no MST: de ciranda em ciranda aprendendo a cirandar de Bihain (2001) nos apresenta aproximação da pesquisadora com a temática estudada, evidenciando seu papel social, afetivo e política com as crianças assentadas, sendo assim objetivando “proporcionar uma análise dos processos educativos vivenciados nas áreas de Acampamentos e Assentamentos do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra – MST através da proposta de Cirandas Infantis” (BIHAIN, 2001, p.10).

Buscando efetivar seu objetivo a pesquisadora disserta sobre a metodologia e seus procedimentos que trata de uma “pesquisa participante através de diversas entrevistas com diferentes sujeitos envolvidos diretamente no processo e, também, das observações realizadas” (BIHAIN, 2001, p.11), sendo importante destacar que na pesquisa é apresentado o processo de documentação da historicidade do acampamento realizado durante a pesquisa.

Durante o período de pesquisa no Acampamento, acompanhamos toda a sua estrutura organizativa e de manutenção, as instâncias organizadas, como também, mapeamos e acompanhamos treze famílias, totalizando vinte e seis crianças, com idade de um mês a seis anos. O trabalho consistiu em inúmeras entrevistas com as mães das crianças e com muitas crianças também, em muitas visitas aos barracos para acompanhar as suas atividades de rotina na cidade de Ionas pretas. (BIHAIN, 2001, p.11).

A partir dessa participação efetiva é notório que a observação ao objeto de estudo, as cirandas infantis, presente do acampamento, expõe diretamente a vulnerabilidade em praticar ações que envolvem as crianças, “vimos como é precário o atendimento e a atenção dada às crianças da faixa etária do zero aos seis anos, na fase das mobilizações e de reivindicações pela posse da terra, no período dos Acampamentos” (BIHAIN, 2001, p. 95). Afirmando as exposições que as crianças são submetidas para tentar conseguir um mínimo de garantia de direito.

Apesar disso, a autora afirma “a Ciranda Infantil é uma referência enquanto encontro de crianças e de mães moradoras na agrovila, criando assim relações e interações entre as crianças da Ciranda Infantil e as outras crianças moradoras do mesmo Assentamento” (BIHAIN, 2001,



p. 97). É nesse caminhar que a ciranda infantil se afirmar como espaço educativo mesmo que “o processo de organização e de implementação das Cirandas Infantis do MST, junto à sua base social, tem muito ainda que percorrer para que a educação das crianças pequenas atinja os patamares desejados” (BIHAIN, 2001, p. 98).

A autora deixa perceptível na pesquisa que o Acampamento estudado estava em um processo de organização para compreender as crianças/sujeitos que fazem parte/presente do/no movimento, com o intuito desse entendimento vivenciar a ciranda como espaço educativo e colaborativo, a fim de construir o pertencimento de ser sem terrinha desde do início da infância.

A pesquisa realizada por Correia (2004) os filhos da luta pela terra: as crianças do MST. Significados atribuídos por crianças moradoras de um acampamento rural ao fato de pertencerem a um movimento social, demonstra uma escuta política das crianças, no sentido do seu objetivo de “ampliar a compreensão sobre a infância no movimento social, percebendo aí um lugar onde se possa vivenciar este período do desenvolvimento humano” (p.11).

Em sua escrita a autora demonstra a riqueza de fazer pesquisa com crianças desde do processo metodológico escolhido de natureza qualitativa “como instrumentos de coletas de dados a observação participante e a entrevista semiestruturada (...) aos quais esta pesquisa se dirigiu foram crianças na faixa etária entre 7 e 12 anos” (CORREIA, 2004, p. 6). A pesquisadora apresenta seus modos de coletas e dados...

Por meio da brincadeira. Interessante falar isto porque, para os adultos do acampamento, aquilo não era pesquisa. Houve momentos em que as mães e pais, ao me verem aproximar, perguntavam se eu havia chegado para tomar conta dos meninos. Porém, mais que uma estratégia de coleta de dados, isto também significou para mim um reaprendizado pessoal: lidar com a imaginação, com o faz-de-conta, perder o medo de ser ridícula, reencontrar-me com o chão, ter fôlego para passar um dia inteiro “inventando o que fazer para divertir”. Sem dúvida, as crianças foram para mim grandes educadoras, com as quais reencontrei antigas brincadeiras, aprendi novas e, principalmente, relembrei como esta atividade exige, de quem a exerce, seriedade e cumplicidade (CORREIA, 2004, p. 07).

Esse trecho da pesquisa de Correia (2004) não nos diz somente os modos de coleta de dados, como também entende a diferenciação entre os olhares da pesquisadora, dos sujeitos pesquisados e dos observadores, por isso que “mais que uma estratégia de campo, também foi uma opção política ouvir as crianças” (p. 08).

Assim estas crianças vão nos mostrando que construto sociocultural é a infância produzida no interior do MST. A luta pela terra aparece como uma experiência que atua na maneira de perceberem a si próprias. A vivência da infância dá-se no interior de experiências cotidianas coletivas de enfrentamento, seja diante de uma situação de conflito direto com o Poder Judiciário e com a Polícia como em uma ação de despejo,



seja na conquista do respeito dos colegas na escola. A luta social passa ser, na vida destas crianças, uma vivência cotidiana. É essa situação permanente de conflito que as define como crianças de movimento social. (CORREIA, 2004, p. 81)

E nesse passo que afirmamos a partir do estudo de Correia (2004) que fazer pesquisas com crianças e viver cada momento presente na experimentações proporcionado pelas crianças que “apresentam a dimensão do contexto sociocultural que é um acampamento Sem Terra: uma construção social de pessoas pertencentes às camadas populares da nossa sociedade reunidas a partir da e na luta de um movimento social”(p. 81). São ensinamentos partilhados entre a pesquisadora e os sujeitos de pesquisa.

O estudo de Rosseto (2009) *essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terrinha no MST*, caminha sob um olhar de aproximação da história de vida da autora com as infâncias presente no contexto pesquisado, deste modo objetivando “compreender a Ciranda Infantil no Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra a partir das práticas pedagógicas desenvolvidas como uma alternativa de educação infantil do campo”(p.07).

A construção metodológica da pesquisa acontece a partir da vivência da pesquisadora com o objeto de estudo, “dessa forma, registramos a trajetória de luta pela Terra e pela educação no MST, trazendo a experiência da Ciranda Infantil “Ana Dias” no assentamento da agrovila III, na Regional de Itapeva, no Estado de São Paulo” (ROSSETO, 2009, p.12). Sendo uma pesquisa de natureza qualitativa...

Para a coleta dos dados, foram utilizados três instrumentos básicos: a entrevista, a pesquisa documental e a observação (...) As questões versaram sobre o percurso da Ciranda Infantil, as dificuldades, os desafios, as brincadeiras das crianças, o que elas mais gostam de fazer na Ciranda Infantil (...) Ao todo, foram entrevistadas 24 pessoas, assim distribuídas: 05 dirigentes, 04 educadoras e educadores, 15 crianças, todas pertencentes ao MST (ROSSETO, 2009, p. 13)

O fazer pesquisa no MST é exposto pela autora a partir dos procedimentos escolhidos, que acontecem e são formalizados no processo da pesquisa, pois “durante todo o processo educativo do MST, foram produzidos vários documentos, que são considerados como fontes documentais nesta pesquisa” (ROSSETO, 2009, p.13).

Ao versalizar sobre a presença da ciranda nas práticas de resistência do Movimento, Rosseto (2009) afirma que a participação das crianças no processo de luta pela terra, muitas vezes, causa estranheza à sociedade. Porém, na cultura Sem Terra, o lugar da criança não se limita à escola, mas também nas mobilizações, ocupações...” (p.176). Considerando sempre as



crianças com sujeitos de pesquisa a partir das suas infâncias vividas, visto que “as crianças Sem Terrinha vivem esta realidade e se fazem sujeitos participativos na construção do projeto de sociedade que o MST está construindo, pois, inseridas em um movimento que faz história” (p.176). São infâncias verdadeiramente diferenciadas.

A pesquisa de FELIPE (2009) *entre campo e cidade: infâncias e leituras entrecruzadas - um estudo no assentamento Palmares II, Estado do Pará*, aborda as crianças e seu pertencimento ao MST, em que visa “compreender a relação entre a forma de constituição da infância e a as práticas de leitura de crianças do assentamento Palmares II, no Estado do Pará” (p.25).

Ao buscar aspectos metodológicos a autora apresenta o seu processo de construção da tese até a finalização, iniciando com o a escolha dos sujeitos da pesquisa, “os estudos mais recentes produzidos no campo da sociologia da infância têm enfatizado a importância de que o desejo das crianças – não apenas a autorização dos adultos, seja levado em conta na decisão de incluí-las em projetos de investigação” (FELIPE, 2009, p.30).

A partir da definição a pesquisadora realizou um estudo exploratório com diversas idas ao campo de estudo e assim elencando alguns procedimentos metodológicos “os quais me permitiram concretizar uma pauta de trabalho baseada nas seguintes fontes: Observação, entrevistas, levantamento documental, diários e formulários” (FELIPE, 2009, p.31).

Nesse sentido, a pesquisadora desenha sua pesquisa com base nessas fontes escolhidas e exploradas para dialogar com as infâncias sem terrinha, a leitura e os espaços de convivência das crianças “o cruzamento destes lugares sociais: escola, casa, comunidade deu visibilidade às redes de leitores. Essas redes permitem afirmar que as crianças têm um papel cultural importante na transmissão do valor da leitura” (FELIPE, 2009, p.183). Sendo a partir da efetivação dessas relações coletivas que assim como Felipe (2009) pensamos e afirmamos...

A compreensão da experiência social das crianças pode colaborar com a reinvenção dos lugares inventados para educar e promover a infância, onde, com muita frequência, a experiência concreta é subsumida por quadros explicativos gerais, como o tempo da infância. (p.185)

Assim podemos dizer que as crianças experimentam diversas situações dentro das suas vivências entre os espaços educativos.

O trabalho de Moraes (2010) *a infância pelo olhar das crianças do MST: ser criança, culturas infantis e educação*. Caminha sob a perspectiva de ouvir as crianças e entender as



significações ao se fazer presente no MST, objetivando “analisar quais os significados e sentidos de infância na visão das crianças do Assentamento Mártires de Abril do MST” (p.24).

Na elaboração do trabalho a autora optou por realizar um estudo exploratório indo a campo, inicialmente para conhecer o espaço e se apresentar à comunidade, percebendo as crianças com sujeitos participativo/cultural/social da pesquisa “entendo que não posso pensar a criança isolada do mundo cultural que a cerca, mas sim inserida em um contexto histórico-socialcultural; e pensar a linguagem como forma de expressão dessa cultura”(MORAES, 2010, p. 44). Nesse sentido foi pensando nos seguintes instrumentos para análise e levantamento dos dados...

A primeira fase de coleta de dados contou com oficinas com as crianças. No primeiro encontro estavam presentes treze crianças e iniciei pedindo para formamos um círculo, sentados no chão (...) (MORAES, 2010, p.34).

A segunda fase da pesquisa com as crianças contou com as entrevistas (...) inicialmente fiz um levantamento das crianças que são do MST e que frequentavam os encontros, o que somou um total de 13 crianças. Para organizar o momento da entrevista reuni as crianças em grupos tendo como critério a idade. Tive também a preocupação de separar os irmãos. Minha intenção era dividir as crianças em quatro grupos com três crianças em cada grupo. (MORAES, 2010, p.38).

Nesse momento da pesquisa a autora disserta sobre o passo a passo de cada momento em detalhe, como também a socialização desse processo e afirmar que “em uma pesquisa que pretende dar voz a criança se faz necessário uma vigilância epistemológica no sentido de garantir o diálogo e não a imposição de visões de mundo” (MORAES, 2010, p.47). Para que assim seja...

Relevante se pensar em instrumentos de coleta de dados que se coadunem com a perspectiva teórico-metodológica que escolhi. Assim, acredito que com as oficinas e as entrevistas em grupo foram criados momentos de interação verbal entre a pesquisadora e as crianças e entre as crianças e seus pares, produzindo dessa maneira, um rico material que revele os significados e sentidos de infância para estas crianças. Neste ponto cabe-me indagar como se configuram estes significados e sentidos e que concepção norteará sua compreensão (MORAES, 2010, p.45)

Dessa forma que a pesquisadora constrói sua pesquisa, dialogando com as infâncias presente dentro do Movimento “o MST tem uma visão de infância que busca alternativas a um modelo de criança universal, esta visão se consolidou por meio de conquistas em relação à forma como as crianças eram vistas pelo movimento” (MORAES, 2010, p.155). Novamente é pensado sobre a representação das crianças nesse espaço de luta e resistência, “vimos também como as crianças do assentamento percebem os vários espaços estruturais em que estão inseridas” (p.155). É possível perceber no estudo as representações das infâncias das crianças



sem terrinha dentro de uma perspectiva social “as crianças nos mostram as contradições e conflitos que vivenciam numa sociedade em crise, que ao mesmo tempo em que deposita na infância a esperança de mudança” (MORAES, 2010, p.157).

A pesquisa *a formação da criança e a ciranda infantil do MST (movimento dos trabalhadores rurais sem-terra)* de Luedke (2013), movimenta-se por meio das experiências sociais da pesquisadora com a temática estudada, com o objetivo “propomo-nos a estudar as Cirandas Infantis no Estado do Paraná, suas peculiaridades, particularmente, as que se referem à organização e proposição de atividades formativas para a criança, entre elas a brincadeira”(p.31). Metodologicamente a pesquisadora realiza uma pesquisa de campo, optando por “um levantamento bibliográfico e para a análise da pesquisa, resultando num estudo que amplia o conhecimento sobre a Criança e a Infância” LUEDKE, 2013, p.28).

A partir desse olhar que a pesquisadora considera “o lugar das crianças, dentro do Movimento, foi construído e conquistado, e, de testemunhas da história hoje são consideradas sujeitos participantes e integrantes de uma luta como projeto de futuro” (LUEDKE, 2013, p.146). Acrescento que fazem parte de um processo do agora, pois estão entrelaçados ao movimento.

A pesquisa de DA MATA (2015) *os sem terrinha no movimento dos trabalhadores rurais sem terra (MST)* surge a partir do querer saber sobre a construção política/social dos sem terrinha, objetivando “verificar a organização política dos Sem Terrinha no Movimento e especificamente constatar os espaços, locais e agentes envolvidos na preparação e organização das crianças no processo de formação política e participação na luta social (p.15). No tocante da metodologia a autora realiza uma pesquisa empírica em uma escola dentro do assentamento e documental

Investigamos, assim, a organização política dos Sem Terrinha contida nos documentos do MST e em materiais elaborados pelo e para o público infantil do MST, como se dá a relação com a organização política das crianças e se há contribuição da escola na formação política dos Sem Terrinha (DA MATA, 2015, p. 16)

É a partir dessa organização que a autora afirma “fundamentalmente são ações que identificam as crianças como Sem Terrinha, pois elaboram sua identidade por meio da organização política coletiva das crianças, construindo meios para serem crianças do Movimento” (DA MATA, 2015, p.83). São momentos construídos para colocar as crianças como parte do processo.



Os Sem Terrinha se identificam e são identificados pelo nome próprio a partir das mobilizações de Encontros dos Sem Terrinha idealizados e concretizados pelo Movimento para que crianças e adolescentes tenham seus próprios espaços de manifestação e luta pela Reforma Agrária e direitos sociais como escola e educação (DA MATA, 2015, p.85).

Por isso, devemos efetivar formas de pertencer e ocupar os espaços que vivemos, pois “os Sem Terrinha são imbuídos da realidade que os cercam e da possibilidade de lutarem por transformação social (DA MATA, 2015, p. 86), sendo assim seguir ter como exemplo os sem terrinhas.

O estudo de Freitas (2015) *educação infantil popular: possibilidades a partir da ciranda infantil do MST* no mostra um encontro do pesquisador com a pesquisa antes de acontecer, visto isso objetiva “analisar a prática educativa com as crianças Sem Terrinha realizada no espaço da Ciranda Infantil do pré-assentamento Elizabeth Teixeira do Movimento de Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST)” (p.24). Nessa perspectiva os procedimentos metodológicos da análise do encontro do pesquisador na ciranda com as crianças a partir dos relatos.

Os relatos são os temperos principais desta pesquisa. Mais que uma observação teorização da prática, os relatos são a prática no seu movimento de construção e reconstrução. Eles expõem os caminhos que se apresentaram como possíveis para que as crianças se revelassem como sujeitos da sua história. É a criança que manifesta o seu mundo e é pela criança que novas atividades surgiram (FREITAS, 2015, p. 35).

Freitas (2015) afirma no seu estudo que as crianças como sujeitos de pesquisa possibilitam o fazer e refazer, levando em consideração as suas experiências e experimentações, pois “as atividades educativas partiam dessa leitura do mundo das crianças, tentando com elas mobilizar um máximo de conhecimentos das suas experiências no mundo, para irmos além dos conhecimentos já apreendidos” (p.38). É como essa participação que o pesquisador apresenta os acontecimentos da pesquisa.

No momento em que as crianças Sem Terrinhas ocuparam um barraco abandonado para produzir a sua escola, a Escola Roba Cena, elas primeiro resistiram à imposição da brincadeira do adulto educador, dizendo que queriam brincar naquele barraco. Depois, o ocuparam produzindo a sua escola, as suas regras, as suas relações sociais – tudo como produto da brincadeira, que é o modo das crianças serem no mundo e de produzirem culturas (FREITAS, 2015, p.210)

Esses acontecidos demonstra as infâncias e suas representações, pensado “não futuro como vir a ser, mas de sujeitos que constroem o seu futuro no presente a partir de uma cultura



contra hegemônica, que mobiliza a história como experiência, escovando a história a contrapelo, refazendo-a no presente” (FREITAS, 2015, p.210).

A pesquisadora Rosseto (2016) em sua tese *a organização do trabalho pedagógico nas cirandas infantis do MST: lutar e brincar faz parte da escola de vida dos sem terrinha*, reafirma a aproximação da autora com o objeto de estudo que objetiva “investigar a organização do trabalho pedagógico analisando em que medida ele contribui, ou não, para a formação das crianças Sem Terrinha, numa perspectiva da transformação da sociedade.

A autora realiza uma pesquisa de campo, utilizando como procedimentos metodológicos: a entrevista semiestruturada, a observação participativa e a análise de documentos. Nesse sentido, “as entrevistas foram realizadas com os dirigentes do MST, com as crianças (de 3 a 12 anos) e com as educadoras e os educadores que atuam de um modo geral nas Cirandas Infantis, tanto nas permanentes como nas itinerantes” (ROSSETO, 2016, p.93). Outro procedimento pontual da pesquisa é a utilização de imagens.

As fotografias nesta pesquisa estão sendo consideradas como documentos, situadas num contexto histórico que contribui nas reflexões e análises da realidade pesquisada. Elas permitiram a interação e o diálogo, aproximando diferentes universos, são reveladoras das diferentes formas de como as crianças Sem Terrinha vem participando da luta pela terra (ROSSETO, 2016, p.97)

Essa forma de participação e representação é transversalizada nos apontamentos da autora ao afirmar que “as crianças Sem Terra emergem enquanto sujeitos que constroem sua participação histórica na luta pela terra, desenvolvendo e assumindo o sentido de pertença a essa luta” (ROSSETO, 2016, p.206).

A pesquisa de Ramos (2016) *Educação, trabalho e infância: contradições, limites e possibilidades no Movimento dos Trabalhadores Sem Terra* é definida por ela como um desafio entre suas próprias motivações, tendo em vista seu objetivo que trata de “analisar a prática educativa do MST na formação das crianças Sem Terra, através da mobilização infantil no Estado do Pará e suas ações contra-hegemônicas” (p.18). Partindo de uma abordagem qualitativa tendo como procedimentos análise documental e para coleta de dados “foram realizadas conversações com as crianças da educação infantil de 4 a 5 anos da Escola Salete Moreno, com as crianças de 7 a 12 anos (...), bem como entrevistas semiestruturadas com os educadores das escolas e do setor de educação no estado do Pará” (RAMOS, 2016, p.18-19). Entre conversas e entrevistas, a pesquisadora aponta alguns achados que dialogam com a



presença e ausência das infâncias no Movimento Sem Terra, levando em consideração o momento temporal que está situado a pesquisa.

A cultura da coletividade produz uma representação diferente através da sua intervenção na história da luta pela terra e o MST, por participarem de toda vida construída nesse ambiente que expressa luta, sonhos, projetos, resistências e conquistas (RAMOS, 2016, p. 188).

A condição da criança na luta pela terra e o MST é (re)significada a partir de uma perspectiva de resistência e de presença na luta, dois elementos que não se separa e são fundamentais para compreender a infância no contexto da luta pela terra e o seu significado no contexto da formação humana e produção da existência (RAMOS, 2016, p. 191).

São constantes as formas de resistências às opressões presentes no cotidiano das infâncias sem terrinhas, “as crianças que vivem nos acampamentos do MST e que convivem com a realidade de violência, estabelecida pelo latifúndio da terra, mas também da influência e dos impactos das empresas do capital” (RAMOS, 2016, 188).

A pesquisa de Nascimento (2018) *experiências escolares vividas no campo e por crianças do campo*, apresentado as narrativas das infâncias, objetivando “analisar sentido da escola para esses participantes que vivenciaram sua escolarização no campo em tempos diferentes: “tempo do êxodo”, “da mobilidade” e “da conectividade” (NASCIMENTO, 2018, p.) e nesse caminhar que a autora escolher como aporte metodológico as narrativas autobiográficas.

Assim, apresentamos, primeiramente, o protocolo das rodas de conversas, utilizado com as crianças, e o protocolo das entrevistas narrativas, utilizado com os jovens. Detalhamos, em seguida o quantitativo dos participantes da pesquisa, antes de esboçar um breve perfil. É importante sinalizar que toda a realização da pesquisa foi registrada no diário reflexivo da pesquisadora. (NASCIMENTO, 2018, p.66-67)

Nesse sentido, a pesquisadora ao realizar esse método de pesquisa com as crianças diz que “podemos observar essa “subjetividade explosiva” em suas narrativas, suas formas de se expressar, em seus gestos, suas emoções, mas também no silêncio, ou na ausência do desejo de se fazer ouvir” (NASCIMENTO, 2018, p. 69).

As experiências vividas por crianças do campo se constroem e se organizam, temporal e narrativamente, nesse contexto de mudanças políticas no país, e das configurações do espaço campestre, que vem possibilitando o acesso à escola, às tecnologias da informação e comunicação, a transportes automotivos, ao ensino superior; e empoderando as crianças do campo na construção de projetos profissionais e de vida, sem que para isso precise abandonar seus laços com o mundo rural. (NASCIMENTO, 2018, p.187)



As vozes, as experiências, os encontros e os ditos estão presentes nas pesquisas com crianças, dialogando com uma infância transversal que vivencia desde cedo a luta por direitos mínimos. As pesquisas aqui apresentadas nos dizem que temos muito a aprender com as crianças para se fazer presente no mundo, são formas de resistência que nos alimenta para continuar nas cirandas da vida.

O ENTRELAÇAR DAS PESQUISAS: A ESCOLA, AS BRINCADEIRA E AS CIRANDAS.

Nesse tópico dialogamos com as pesquisas apresentadas, fazendo alguns apontamentos sobre as categorias que são referenciadas pelas crianças nas produções, sendo notório a localização dessas categorias com o pertencimento a infância sem terrinhas.

Nesse sentido, a escola é apontada nas pesquisas em diferentes perspectivas, inicialmente acontece a negação ao acesso “a negação do sistema de ensino oficial de uma escola que não atende às necessidades dos assentamentos é manifestada pelos e acampadas do Índio Galdino” (ALVES, 2001, p.102). Essa negação fomenta uma luta por educação, pois é um espaço de socialização, “a escola aparecia não só nos relatos, em que apresentavam a sua condição de estudantes, mas também naqueles que falavam da escola como um lugar da afirmação da identidade de Sem Terra” (CORREIA, 2004, p.31), porém um espaço de reprodução de preconceito “nessas escolas elas eram discriminadas por seus colegas por viverem no assentamento, por serem filhos de sem-terra, causando tristeza às meninas e aos meninos que não se sentiam à vontade nesse espaço escolar” (FREITAS, 2015, p. 64). E por fim “a escola aparece como um lugar de conformação, regulação em que é difícil experienciar aquilo que constitui a própria infância” (MORAES, 2010, p. 122).

O brincar é apresentado como forma de expressar, partilhar e conviver, sendo assim “o tempo do brinquedo e o tempo da leitura compõem maneiras múltiplas de viver a infância. São múltiplas porque abrigam formas de sociabilidade e de corporalidade diversas” (FELIPE, 2009, p.177). Possibilitando formas de organização “os Sem Terrinha, em forma de brincadeira, organizaram-se em reuniões para participar do Congresso, depois resolveram contar para os adultos o que tinham discutido e feito para o evento” (DA MATA, 2015, p.52), podemos assim” perceber que o brincar no MST tem o elemento da coletividade, o que contribui com a formação da criança, compartilhando o lugar de brincar, de se integrar e pensar que, na brincadeira, cabe o coletivo de crianças do encontro” (RAMOS, 2016, p.156), visto que “consegue fazer daquele



espaço de luta também um espaço de brincadeiras que ganham significados, cores, formas cheiros, melodia, vida, tanto para os educadores e educadoras infantis quanto para as crianças” (ROSSETO, 2016, p. 212).

As cirandas dialogam com os processos educativos do MST, “dá a ideia de movimento que precisa ser criado em torno da temática, através das mobilizações das pessoas dos Assentamentos, dos Acampamentos, dos coletivos organizados do setor de educação, dos militantes e das liderança” (BIHAIN, 2001, p.30) , sendo possível dizer que “a Ciranda, para o MST, expressa os anseios e o que os trabalhadores e trabalhadoras buscam para a educação das crianças Sem Terrinha”(LUEDKE, 2013, p.101) na perspectiva de afirmação que “as Cirandas infantis desenvolvidas pelo MST demonstram possibilidades de uma educação emancipatória quando estas contribuem para alteração da prática social dos participantes” (ROSSETO, 2009, p.172).

As crianças são sujeitos em movimentos para se pensar uma sociedade que respeite a diversidade, nesse sentido esse entrelaço de pesquisas nos mostra que as infâncias sem terrinha tem investigações em comum, porém com direcionamentos e olhares diferentes, tendo em vista os caminhos que cada pesquisadora/o buscou para efetivar seus objetivos. Aqui afirmamos que fazer pesquisas com crianças “se fundamenta no pressuposto de que é necessário tomá-las como ser de direito, respeitando sua voz e sua vez como partícipe da pesquisa” (NASCIMENTO, 2018, p.73).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O MST é um movimento de luta e resistência que acredita nas potências das crianças, ao realizar esse estudo podemos constatar que as infâncias sem terrinhas se fazem presentes nas pesquisas em educação, sendo possível perceber o pertencimento e aproximação à temática pelos pesquisadores, como também a diversidade de temas envolvendo as crianças sem terrinhas.

Em cada pesquisa percebemos a singularidade do fazer pesquisas com crianças que nos mostra um campo de possibilidade de estudo, como também formas de ser/fazer pesquisador e se descobrir durante a estudo, pois as crianças se entendem como parte desse movimento, assim oportunizam aos pesquisadores a vivenciar essas descobertas.

As pesquisas aqui apresentadas versalizam o direito de ser uma criança livre e de poder se afirmar como sujeito de resistência, dessa forma percebemos que o movimento sem-terra



direciona seus trabalhos de organização em coletivo com as crianças, respeitando suas representações e possibilitando outras formas de fazer resistência.

Fazer pesquisa nos provoca, nos inquieta, nos desfaz, porém sempre encontramos algo e ao realizar esse estudo, podemos dizer que as infâncias sem-terra têm ocupado do campo acadêmico e caminhando muito além, pois afirmo que as crianças sem terrinhas nos ensinam formas de organização e resistências para seguir lutando por direitos da infância.

REFERÊNCIAS

ALVES, Suzy de Castro. **As experiências educativas das crianças no acampamento Índio Galdino do MST**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina (Faculdade de Educação, UFSC), Florianópolis, 2001

BIHAIN, Neiva Marisa. **A trajetória da educação infantil no MST: De ciranda em ciranda aprendendo a cirandar**. 2001. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul (Faculdade de Educação, UFRGS), Porto Alegre, 2001

CORREIA, Luciana Oliveira. **Os filhos da luta pela terra: As crianças do MST. Significados atribuídos pelas crianças moradoras de um acampamento rural ao fato de pertencerem a um movimento social**. 2004. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Minas Gerais (Faculdade de Educação, UFMG), Belo Horizonte, 2004

Da Mata, Liene Keite de Lira. **Os Sem Terrinha no Movimento dos Trabalhadores Rurais sem Terra (MST)**. 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Filosofia e Ciências. Marília (SP), 2015

FELIPE, Eliana da Silva. **Entre campo e cidade: infâncias e leituras entrecruzadas**. 2009. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, (Faculdade de Educação, UNICAMP), Campinas, São Paulo. 2009

FERREIRA, Norma Sandra de Almeida. **As pesquisas denominadas “Estado da Arte”**. Educação & Sociedade, Campinas, ano 23, n. 79, p. 257-272, ago. 2002. Disponível em: <<http://www.fe.unicamp.br/alle/textos/NSAFAsPesquisasDenominadasEstadoArte.pdf>>. Acesso em: 20 junho. 2022.

FREITAS, Fábio Acaro de. **Educação infantil popular: possibilidades a partir da Ciranda Infantil do MST**. 2015. Dissertação (Mestrado em educação) Universidade Estadual de Campinas, (Faculdade de Educação – UNICAMP). Campinas– SP. 2015

LÜEDKE Ana Mariel dos Santos. **A formação da criança e a Ciranda Infantil do MST no Paraná**. 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal de Santa Catarina (Faculdade de Educação, UFSC), Florianópolis. 2013



MORAES, Elisângela Marques. **A infância pelo olhar das crianças do MST: ser criança culturais infantis e educação.** 2010. Dissertação (mestrado em educação) Universidade Federal do Pará (Faculdade de educação, UFPA), Belém. 2010

NASCIMENTO, Gilcilene Lélia Souza do. **Experiências escolares vividas no campo e por crianças do campo.** Tese (doutorado) - Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação. Natal, RN, 2018.

RAMOS, Márcia Mara. **Educação, trabalho e infância: contradições, limites e possibilidades no Movimentos dos Trabalhadores Sem Terra.** 2016 Dissertação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (Faculdade de Educação Unicamp), Campinas, 2016

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo. **Essa ciranda não é minha só, ela é de todos nós: a educação das crianças sem terrinhas no MST.** 2009, Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas (Faculdade de Educação Unicamp), Campinas, 2009

ROSSETO, Edna Rodrigues Araújo. **Organização do trabalho pedagógico nas Cirandas Infantis do MST: lutar e brincar faz parte da escola de vida dos Sem Terrinha.** Campinas, SP: [s.n.], 2016. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação.